Enrique Lorenzo viu frustrada sua carreira de jogador de futebol profissional quando, num safári, um rinoceronte sentou-se em cima de seus joelhos. Agora ele se dedica temporariamente às ilustrações, enquanto espera que lhe transplantem as pernas do Messi.

Roberto Santiago tinha treze anos quando ganhou uma medalha com o time de futebol de sua escola, o San Agustín. Mais tarde, escreveu muitos livros e dirigiu alguns filmes, mas ainda sonha com aquela condecoração e os amigos da época, por isso escreveu *Os Futebolíssimos*.

154285
ISBN 978-85-418-2031-8
9 788541 820318

3

Roberto Santiago

OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO GOLEIRO FANTASMA

OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO GOLEIRO FANTASMA

Roberto Santiago

Ilustrações Enrique Lorenzo

Tradução Alexandre Agabiti Fernandez

sm

OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO GOLEIRO FANTASMA

Roberto Santiago

Ilustrações de Enrique Lorenzo

Tradução Alexandre Agabiti Fernandez

sm

Título original: *Los Futbolísimos: El misterio del portero fantasma*
© Roberto Santiago, 2014 (texto) e Enrique Lorenzo, 2014 (ilustrações)
© Ediciones SM, 2014
Impresores, 2
Parque Empresarial Prado del Espino
28660 Boadilla del Monte (Madri)
www.grupo-sm.com

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos
Assistência editorial: Olivia Lima

Preparação: Marcia Menin
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Caligrafia: Robson Mereu
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Roberto
Os Futebolíssimos : O mistério do goleiro fantasma / Roberto Santiago ; ilustrações Enrique Lorenzo ; tradução Alexandre Agabiti Fernandez. -- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2018.

Título original: Los Futbolísimos : El misterio del portero fantasma.

ISBN 978-85-418-2031-8

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Lorenzo, Enrique. II. Título.

18-15224 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição junho de 2018

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br

1
1
10
7
8
4

1

1

Um minuto e vinte e nove segundos.
Estamos empatados.
Camunhas tem Messi, Kun Agüero e Neymar no time dele.
Eu tenho Iniesta, Falcão e Cristiano Ronaldo no meu.
O "3 contra 3" é o melhor *videogame* do mundo.
O tempo corre.
Só faltam um minuto e dezessete segundos para terminar.
Messi tabela com Kun, dribla Iniesta e chuta…
… na trave.
A partida continua empatada.
Não há goleiro.
Só três jogadores em cada time.
Vence o primeiro que marcar dez gols.
Um minuto e oito segundos.

Falcão domina a bola no meio do campo. Avança alguns metros e, sem pensar, chuta para o gol... Uuuuuuuu!

A bola raspa no travessão e sai.

A única exceção é: se o tempo regulamentar acabar e nenhum dos times fizer dez gols, os dois perdem.

Não existe empate.

Só vitória ou derrota.

Faltam cinquenta e três segundos.

O placar está 9 a 9.

Ganha quem marcar primeiro.

Kun gira com a bola controlada e passa para Neymar, que corre pela lateral.

Cristiano Ronaldo tenta pará-lo, mas Neymar pula por cima dele.

Cruza na pequena área... e Messi chega para arrematar.

Mas no último segundo Iniesta tira a bola.

Camunhas e eu estamos jogando nossa última partida das férias.

A definitiva.

Hoje é domingo, 6 de setembro.

Amanhã, segunda-feira, começam as aulas na escola.

Jogamos "3 contra 3" as férias todas.

Cada um ganhou exatamente 286 partidas.

Mudamos de jogadores.

Mudamos de campo.

Mudamos de camisa.

Fizemos todos os testes possíveis no *videogame*.

E, no fim, estamos empatados.

Trinta e nove segundos.

Falcão pega a bola de novo, Kun avança com velocidade, parece que vai cruzar... mas, no último momento, ele entra na grande área, gira e, de surpresa, acerta um tremendo chute na bola.

Nós dois ficamos olhando sem nos mexer.

A bola vai com tudo para o gol... porém bate na trave e o rebote cai nos pés de Cristiano. Ele está sozinho com a bola, na frente do gol vazio.

Eu só tenho que empurrar a bola e marcar o gol.

Fico parado um segundo ou dois antes de chutar. Não quero errar.

Tempo demais.

Neymar dá um carrinho e sai com a bola.

Perdi uma chance de ouro.

Vinte e dois segundos.

Se ninguém fizer gol, as férias não terão dado em nada.

Além disso, Camunhas e eu fizemos uma aposta muito importante.

Quem perder terá que ir ao pátio da escola, no primeiro dia de aula, e beijar uma menina na frente de todo mundo.

Tem que ser uma menina da escola.

Essa é a única condição.

É uma bobagem.

Mas foi o que nós apostamos.

Camunhas mexe seu controle como se estivesse louco.

Fica de pé.

Olho para ele e depois para a tela. Então vejo Neymar, que dá um chutão na direção do campo adversário.

Messi chega e controla a bola.

Tenho que pará-lo de qualquer jeito.

O tempo está quase acabando.

Messi gira e dribla Iniesta.

Olho para Camunhas pelo canto dos olhos. Ele está vermelho por causa do esforço.

Talvez eu pudesse empurrá-lo.

Só que não faço isso.

Messi continua avançando com a bola.

Falcão vem correndo por trás.

Tenho que chegar, tenho que chegar... preciso pará-lo.

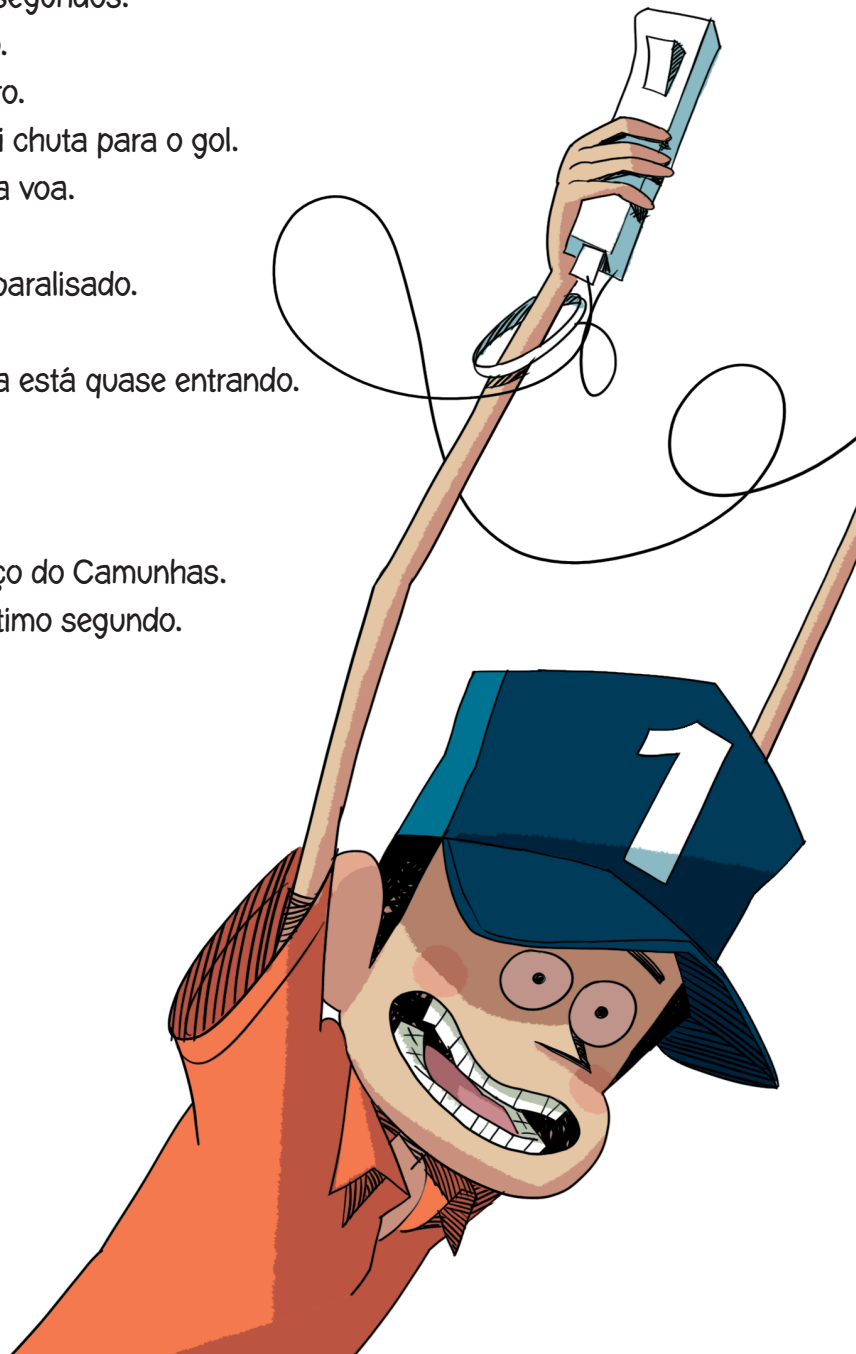
Eu também me levanto e aperto o controle com todas as minhas forças.

Oito segundos.

Uma ideia me vem à cabeça: posso desconectar o *videogame* e dizer que foi sem querer.

Messi continua correndo com a bola nos pés.

Falcão galopa atrás dele.
Seis segundos.
Cinco.
Quatro.
Messi chuta para o gol.
A bola voa.
Três.
Fico paralisado.
Dois.
A bola está quase entrando.
Um.
E...
GOL.
Golaço do Camunhas.
No último segundo.



2

No primeiro dia de aula, todo mundo se olha como se tivesse muita coisa para contar.

— O que você fez nas férias?

— Fui visitar meus avós no interior, onde eles moram.

— Você tá mais gordo.

— E você tá mais magro.

— E você mais alto.

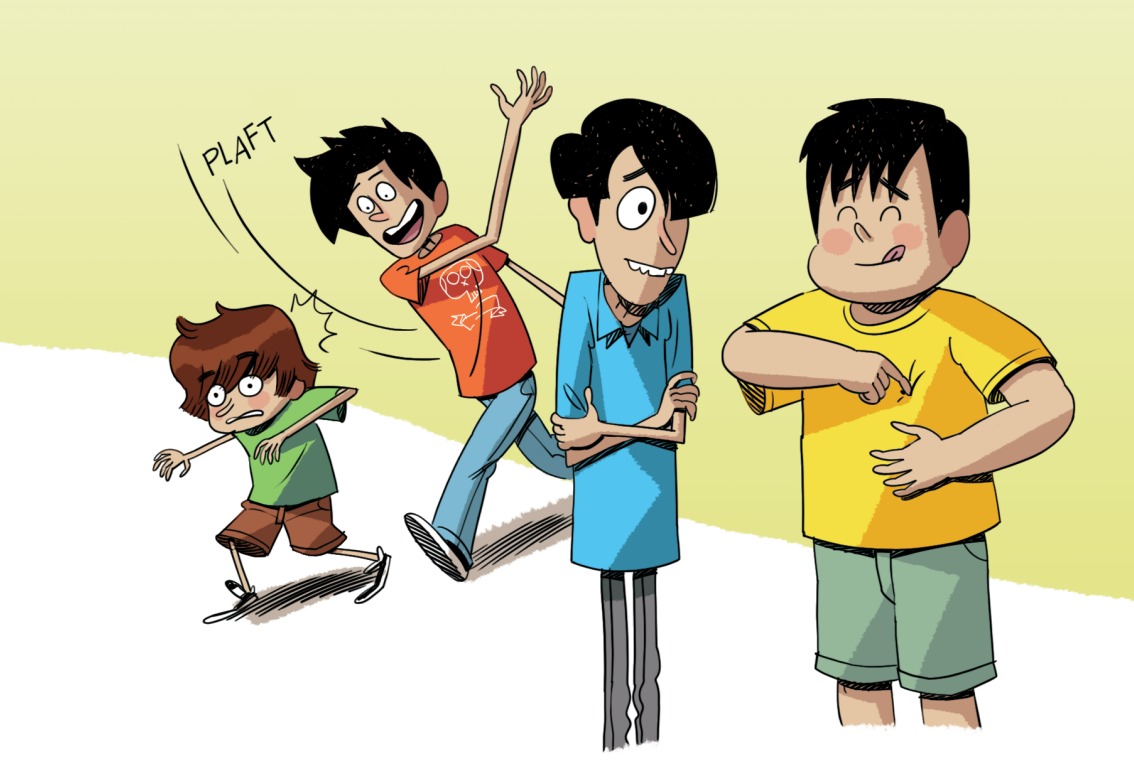
— Mas você não.

E por aí vai.

Depois de cinco minutos, o pessoal percebe que não tem mais nada para contar, e então o novo ano escolar realmente começa.

Mas, naquele ano, o primeiro dia de aula foi muito especial.

Para começar, eu tinha que beijar uma menina no pátio, na frente de todo mundo.



Essa era a aposta.

Camunhas não tinha esquecido.

Assim que cheguei à escola, às sete horas, ele se aproximou de mim e disse:

— Tem que ser na frente de todo mundo.

— Tá bom — respondi.

— Escolha bem, porque todos vão ver — insistiu.

— Tá bom, tá bom...

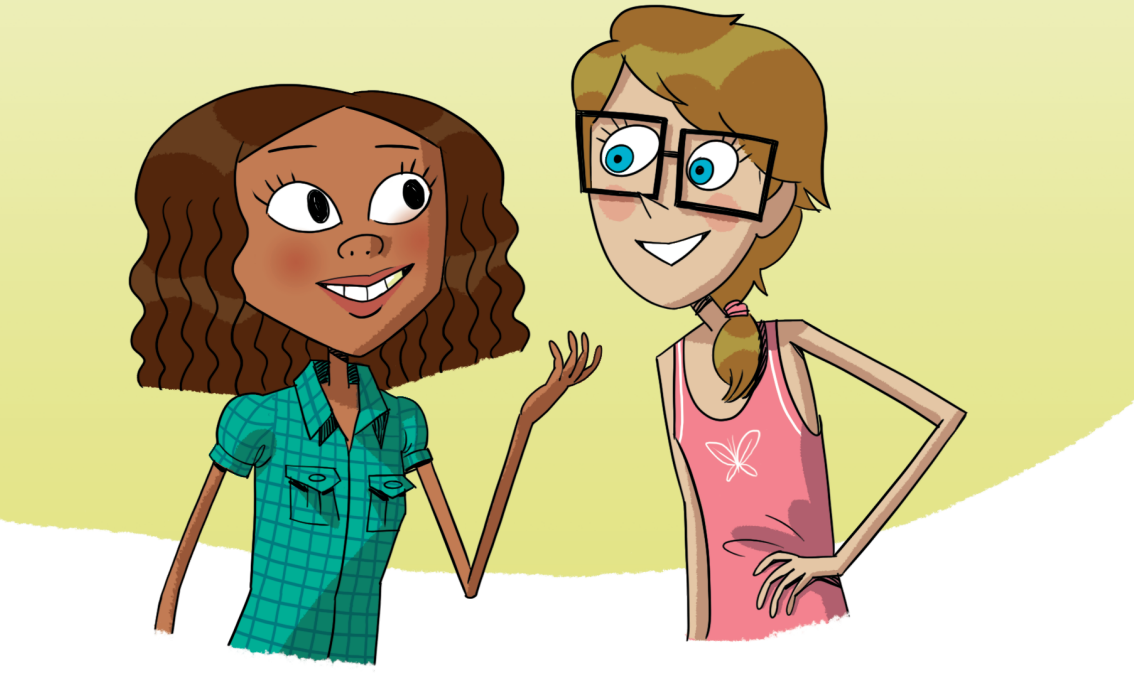
E entrei na classe.

Não conseguia pensar em outra coisa.

Tinha que beijar uma menina.

E tinha que ser naquele dia.

Quem mandou fazer uma aposta tão absurda?



Lá estava a maioria dos meus companheiros do time de futebol, falando sobre as férias.

Tomás, o zagueiro, e Aflito, o lateral direito, conversavam. Aflito se queixava das picadas de mosquito e Tomás contava que tinha batido o recorde mundial de tomar sorvete de chocolate na cidade dos pais dele.

Marilyn, a capitã, comentava com Anita, a goleira reserva, que tinha ido à Colômbia visitar seus tios e avós.

Toni, a estrela da equipe, o artilheiro supermetido, deu um cascudo na nuca do Oito.

— É pra estrear seu corte de cabelo — disse e se afastou.

— E aí, você já decidiu quem vai beijar, Canela? — perguntou Camunhas.

— Nãããão! — respondi.

Mas era mentira. Eu já sabia quem ia beijar.

Só que não a via em nenhum lugar.

Quando estava pensando nisso, de repente ouvi uma voz atrás de mim.

— Oi, Canela, você não cumprimenta mais?

Eu me virei e vi... Helena.

Estava mais bonita do que nunca.

E mais alta.

E mais... tudo.

Ela era a mesma e não era a mesma. Não sei se dá para entender.

— Oi — disse eu.

Só fazia um mês que não a via, mas ela tinha mudado muito durante esse tempo.

— Fui com meus pais a um *camping* em Laredo. Íamos à praia todos os dias, voamos num balão e também num aviãozinho sem motor, e todas as noites a gente jantava ao ar livre na frente de uma fogueira... Só voltamos ontem porque hoje começavam as aulas, senão teríamos ficado mais tempo — falou Helena. — E você? O que fez?

Eu pensei no "3 contra 3".

E na aposta.

Helena estava bem na minha frente.

Podia dar um beijo nela nesse instante.

E pronto.

Afinal, não seria o primeiro.

No entanto, percebi que me daria muito mais vergonha dar um beijo nela do que beijar qualquer outra menina da escola ou do mundo.

— Então, o que você fez nas férias? — insistiu Helena.

Podia dizer a verdade: "Passei as férias inteiras jogando *videogame* com Camunhas".

Mas, em vez disso, encolhi os ombros.

— Fiquei por aí — disse.

Ela cravou seus enormes olhos em mim e riu.

E foi isso.

Porque então o sinal tocou e lá veio a primeira aula do primeiro dia.

Não poderia ser outra: matemática.